

A GAZETA INFANTIL E AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO PEQUENO LEITOR (1929-1930)

Gizeli Fermino Coelho¹ e Maria Cristina Gomes Machado²

Resumo

Este texto tem como objetivo investigar como o suplemento A Gazeta Infantil, publicado em formato de tabloide no jornal A Gazeta, veiculava questões relacionadas à literatura infantil durante a sua primeira fase de circulação (1929-1930). Temos a intenção de destacar as contribuições do suplemento para o florescimento e solidificação da literatura infantil brasileira e a formação de novos leitores. Isso ocorreu em um período em que se sobressaíam os interesses de uma nova massa urbana, impulsionada, principalmente, pelo processo de imigração e industrialização incipiente. Para isso, tomamos como fonte de pesquisa, as 57 primeiras edições do suplemento A Gazeta Infantil que foram publicadas entre os anos de 1929 e 1930. Assim, identificamos várias concepções de infância, desde a criança inocente, ignorante “jeca”, suja, mal-educada, preguiçosa, desobediente e má, que precisava ser conduzida e educada para transformar a sociedade e atender aos auspícios do desenvolvimento econômico, político e social até à criança sacralizada, idealizada nos moldes românticos. Em outras palavras, aquela criança estudiosa, obediente, bondosa, zelosa, religiosa, limpa e educada, lapidada o suficiente para garantir o crescente processo de modernização que vivia a pátria brasileira.

Palavras-chave: Educação; Imprensa; Literatura; Infância.

THE GAZETA INFANTIL AND THE CONTRIBUTIONS OF LITERATURE IN THE TRAINING OF THE LITTLE READER (1929-1930)

Abstract

This text aims to investigate how the Gazeta Infantil supplement, found in tabloid format in the newspaper A Gazeta, published issues related to children's literature during its first phase of circulation (1929-1930). We intend to highlight the contributions of the supplement to the flowering and solidification of Brazilian children's literature and the formation of new readers. This occurred at a time when the interests of a new urban mass were important, driven mainly by the process of immigration and incipient industrialization. To this end, we take as a research source, the first 57 editions of the Gazeta Infantil supplement that were

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora efetiva do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Maracaju. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação, Intelectuais e Instituições Escolares (GEPHEIINSE)-GT HISTEDBR Maringá.

² Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp). Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista Produtividade do CNPq. Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação, Intelectuais e Instituições Escolares (GEPHEIINSE) -GT HISTEDBR Maringá.



published between 1929 and 1930. Thus, we identified several conceptions of childhood, from the innocent child, ignorant "tacky", dirty, rude, lazy, disobedient and evil, that needed to be conducted and educated to transform society and meet the auspices of economic, political and social development to the sacralized child, idealized in the romantic way. In other words, that child studious, obedient, kind, zealous, religious, clean and educated, polished enough to ensure the growing process of modernization that lived the Brazilian homeland.

Keywords: Education; Press; Literature; Childhood.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar como o Suplemento *A Gazeta Infantil*, publicado em formato de tabloide no jornal *A Gazeta-SP*, veiculava questões relacionadas à literatura, destinada ao universo infantil durante a sua primeira fase de circulação (1929-1930) em um momento singular na história política, econômica e cultural do país, marcado pela transição do Governo de Washington Luís para o Governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934), no qual se disputava um projeto de nação.

O texto concluiu-se a partir de pesquisas desenvolvidas no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Intelectuais e Instituições Escolares (GEPHEIINSE) que se define pela investigação sobre a educação e história da educação, entendida em sua articulação com a sociedade em seus aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais nas linhas de história e memória das instituições escolares no Brasil; história e memória da formação de professores; e história da educação pública e de intelectuais. Com base nas discussões realizadas no Grupo GEPHEIINSE foi possível refletir sobre a imprensa pedagógica como fonte para a história da educação brasileira, presente neste artigo.

O tema se justifica, pela notória relevância da imprensa como fonte histórica e pela importância em ampliar e enriquecer a definição de história e memória para o âmbito da educação, pois a área da educação apresenta várias divisões possíveis de estudo, dentre elas, a História e Historiografia da Educação, que possibilita discussões em consonância com o contexto histórico, no qual se insere as propostas e ações do ensino e suas ações políticas e sociais (Machado; Dorigão; Coelho, 2016). Dentre os caminhos possíveis de análises para o estudo da história da educação, encontra-se a imprensa pedagógica, que devido a suas vastas dimensões pode ser utilizada como tema, objeto e fonte de pesquisa.

Utilizar o Suplemento *A Gazeta Infantil* como fonte e objeto de pesquisa, requer a compreensão histórica de que o jornal *A Gazeta*, lançado em 1906 por Adolfo Campos de Araújo na cidade de São Paulo, uma das mais populosas do país, circulou diariamente em todo o país até 1979. Seguiu o modelo padrão dos jornais divulgados no século XIX, inspirado no jornalismo francês: com suas páginas ocupadas por muitos textos e poucas imagens; que tinham como objetivo divulgar os principais acontecimentos do Brasil e do mundo.



Na edição de seu 18º aniversário de existência, o jornal declarava que:

[...] nasceu armado de cavaleiro, entrou na liça com arrojo de veterano, brilhando, vencendo e conquistando. Nasceu para crescer pouco a pouco, obedecendo, na vida da imprensa, aos mesmos fenômenos que presidem a biologia (A Gazeta, 16/05/1924, p. 01).

Era com essa base singular que o vespertino se ocupava, entre outras coisas, em defender um posicionamento político, e a tratar da economia, da cultura e da literatura. E, embora tenha registrado em sua 3.025ª edição publicada no dia 08 de março de 1916, que:

Será A Gazeta... uma folha de combate, mas equitativa, independente, desligada de preconceitos sectários, refratária à ação dos interesses de partidos. Conservadora sem rotina, propõe-se a ser, antes de tudo comercial e informativa: e, muito embora o seu diretor manifeste pessoalmente pendores por este ou aquele agrupamento político, a sua orientação obedecerá inexoravelmente à mais dura e à mais rigorosa isenção de ânimo enquanto concernir aos litígios partidários. A Gazeta em suma, discutirá todas as questões lisamente e sinceramente sem esdrúxulas tergiversações, acompanhando a evolução e a marcha dos acontecimentos com o desejo intenso de bem servir ao seu meio (A Gazeta, 08/03/1916, p. 1, ano X).

Demonstrou nos primeiros anos de sua existência simpatia pelo Partido Republicano Progressista (PRP), preferência política que não se alterou apesar das várias mudanças de proprietários, diretores e redatores (Luca, 2011). O jornal não ficou alheio aos problemas políticos, sociais e econômicos que presenciou durante os seus 73 anos de existência, buscou sempre “[...] estudá-los, discuti-los e esposar a solução daqueles que mais diretamente entendessem com o bem geral, trabalhando pelas vitoriosas campanhas políticas, sociais, econômicas e pela valorização do café” (A Gazeta, 16/05/1924, p. 01).

Após enfrentar crises financeiras em 1918, Adolfo Campos de Araújo o vendeu para Cásper Líbero (1889- 1943), que promoveu profundas mudanças em sua diagramação e padronização gráfica. O Suplemento¹ *A Gazeta infantil*, lançado em 1929 foi fruto das constantes inovações promovidas pelo novo dono, o qual circulou de 1929 a 1950 todas as quintas-feiras em formato de tabloide. Durante este período, passou por três fases de reformulação em seu conteúdo. Para isso, interrompeu suas atividades por curtos intervalos de tempo entre uma fase e outra. Em sua primeira fase, circulou de 1929 a 1930, a segunda de 1933 a 1940 e a terceira de 1948 a 1950 (Santos; Vergueiro, 2016). Optamos por

¹ Os suplementos jornalísticos são frutos da influência massiva dos produtos culturais estadunidenses, que ocorreu no Brasil a partir de 1930, os quais impulsionaram mudanças significativas na imprensa brasileira, especialmente, no que se refere a segmentação e a seriação do mercado editorial, bem como o desenvolvimento das técnicas de impressão (Coelho et al, 2018b). Os suplementos surgiram “[...] encartados nos jornais diários, abrigando um grupo de notícias que se transformaram em jornais à parte, como se fossem anexo do jornal matriz” (Rocha, 2006, p. 02).

analisar a primeira fase de circulação do Suplemento *A Gazeta Infantil* (1929-1930), porque este foi um período de efervescência social que marcou uma reorganização política entre as elites, em que a economia brasileira se adequou à nova conjuntura econômica e buscava seu desenvolvimento industrial, rumo a uma chamada modernização do país. Nesse processo, a educação foi colocada em foco, esse movimento desencadeou na sociedade novas expectativas com relação à educação e a cultura, questionando como a criança aprendia.

2. A Era dos Suplementos e sua contribuição para a literatura brasileira

No Brasil, a partir de 1930, os jornais passaram a se dedicar de maneira mais racional e objetiva no trato com a notícia, valorizando temáticas locais, regionais, culturais e esportivas, até então pouco divulgadas pela imprensa brasileira, tornando-se uma atração especial aos diversos setores do público e às especializações. Trata-se de um momento de transição no jornalismo nacional, caracterizado pela diminuição da influência do modelo europeu, sobretudo o francês — mais literário, opinativo e generalista —, e pela progressiva adoção do modelo norte-americano, baseado em técnicas jornalísticas mais funcionais e comerciais.

Nesse contexto, emergiram os suplementos jornalísticos como produtos típicos dessa nova lógica editorial, voltados a públicos segmentados e a temas especializados que, normalmente não conquistavam espaço nas edições diárias dos órgãos de comunicação escrita, isto é, tratava-se de um acréscimo ao conjunto de informações veiculadas pela imprensa que ficavam em segundo plano.

A estrutura editorial dos suplementos constituía-se de diversas sessões ou rubricas, voltados para a vida familiar, pois a mulher, a criança e o jovem se tornaram potenciais consumidores da produção literária, dos quadrinhos, das poesias, crônicas e romances (Rocha, 2006). Os suplementos publicavam temas relacionados à literatura, história, arte, música, cinema e teatro, porque os intelectuais brasileiros pretendiam politizar o povo, levando-o a tomar consciência dos problemas sociais e, em decorrência, agir politicamente.

A publicação reflete essa reconfiguração da imprensa ao apresentar uma diagramação mais visual, linguagem acessível e conteúdos voltados ao público infantil, articulando literatura, civismo e educação em sintonia com o projeto modernizador do Estado (Martins, 2011). Portanto, o suplemento não era apenas um espaço de divulgação literária, mas também um instrumento de formação de leitores-cidadãos, moldado pelas novas demandas do jornalismo e pelas transformações sociopolíticas do período.

Desse modo, a característica de seriação, instigando a leitura seguinte, garantia o consumo da publicação enquanto lá se encontrasse, de suspense em suspense, o enredo instigante com os lances pertinentes da vida cotidiana. Coube tanto aos cadernos culturais, quanto aos suplementos dos veículos impressos, o mérito e a capacidade de estabelecer um vínculo afetivo com os leitores, que dialogavam com os colunistas. Diferente dos livros em que o texto

literário possuía um caráter mais elitista e, por consequência, menos abrangente, os textos e as crônicas que circulavam na imprensa “viajavam sozinhos” e chegavam mais “distraidamente” ao leitor (Rocha, 2006). Por isso, é notável a importância que os periódicos tiveram na aquisição do conhecimento e, consequentemente, na aproximação com o público.

Coube à crônica, porém exercer papéis múltiplos, ocupando o lugar do artigo de fundo (Martins, 2011). A imprensa tornava-se grande empresa otimizada pela conjuntura favorável, que encontrou no periodismo o ensaio ideal para novas relações de mercado do setor. O crescimento da lavoura, do comércio, da indústria, da urbanização e das finanças, influenciou a imprensa a focar em informações, propagandas e publicidades de novos elementos em suas variadas formas. A revista, o jornal e o cartaz-veículo da palavra impressa aliou-se à melhoria do transporte, ampliando os meios de comunicação e potencializando o consumo de toda ordem (Martins, 2011), o mercado interno estava em expansão, permitindo o consumo de bens culturais.

As inovações gráficas gestadas neste período, coincidiram não só com a ênfase no processo de crescimento econômico, mas com o início de um cenário político conturbado no país, proveniente das constantes revoltas e insatisfações da população com o governo em relação às possibilidades de acesso às condições dignas de emprego, de renda e de educação, que resultaram na deposição do Presidente da República Washington Luís (1869-1957) representante de um passado marcado pela monocultura e produção do café (Coelho et al, 2018a). Neste cenário, ganhou popularidade o nome de Getúlio Dorneles Vargas (1882-1954) para ocupar a chefia do executivo federal, devido ao seu prestígio político junto a muitos setores da sociedade civil organizada e por sua influente circulação nos meios políticos da época (Quadros, 2013).

O governo de Getúlio Vargas, mostrou características centralizadoras, apoiou-se em iniciativas de alcance popular, dentre as quais, a oferta de ensino público se destacou pela necessidade de formar trabalhadores qualificados para o projeto de um Brasil progressista e moderno. A educação serviu como instrumento de disseminação do ideário centralizador adotado pelo regime político, formando novas gerações a partir de premissas cívicas e nacionalistas, portanto, buscava-se uma unidade educacional, bem como a projeção de um homem saudável e trabalhador, que resultariam no progresso e na modernização do país (Quadros, 2013).

A ênfase no projeto modernizador, evidenciou a preservação da infância como um ícone em evidência, pois “[...] cuidar da infância brasileira e de sua educação formal passou a ser, um tema consensual entre variados extratos da sociedade brasileira, independentemente da filiação política, econômica ou doutrinária daqueles que se ocuparam desse assunto [...]” (Campos, 2009, p. 184-185). Os jornais por sua abrangência massiva contribuíram como meio propagador de medidas estruturais criadas para corresponder às novas características da sociedade, com destaque para o cuidado com a criança, no que diz respeito à saúde, à educação e até à sua sobrevivência.

Na perspectiva de Menna (2012), foi, especialmente, a partir de 1920 que diferentes periódicos, jornais, revistas, suplementos e almanaques assumiram-se, como os mais eficientes germinadores e divulgadores da literatura infantil. Com base neste mesmo ponto de vista, Arroyo (2010) enfatiza a importância da imprensa para a formação e desenvolvimento da literatura infantil no país.

Para rastrearmos as coordenadas da literatura infantil brasileira, bem como à criação de um campo propício à sua evolução, sem nunca esquecer aqui a sua importância fundamental no desenvolvimento da educação e do ensino para a sua base, se assim podemos exprimir, foi a imprensa para crianças e jovens, não só na forma de jornal, mas também de revistas (Arroyo, 2010, p. 179-180).

É notável a importância da imprensa para a formação de leitores, para a formação e crescimento da literatura infantil no país, pois os grandes jornais brasileiros como *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *A Gazeta de São Paulo*, *Gazeta do Povo*, entre outros, empenharam-se em criar colunas alternativas, suplementos, cadernos de debates/ideias e espaço do leitor com o objetivo de eleger e produzir públicos interessados nas leituras de temas literários e regionais (Coelho et al, 2018a). Neste cenário, ganhou destaque o Suplemento *A Gazeta infantil*, porque foi um dos primeiros impressos coloridos, repletos de gravuras e direcionado, especialmente, à educação das crianças a circular no país. Na capa de sua primeira edição afirmava que “[...] o Brasil caminha pelos pés das crianças” (*A Gazeta Infantil*, 05/09/1929, p. 01). Portanto, o vespertino reconhecia, que a criança teria certas singularidades e, que, para inseri-la no mundo letrado, seria necessário utilizar-se recursos inerentes à infância, como a fantasia, a ludicidade e a imaginação.

3. Metodologia

Com o intuito de trazer a lume como *A Gazeta Infantil* representava questões relacionadas à literatura infantil brasileira, procurando (in) formar opiniões, eleger e criar um público leitor que tivesse gosto pela literatura, durante a sua primeira fase de circulação (1929-1930), buscamos analisar suas publicações em consonância com o contexto social, político, econômico e cultural da época. Portanto, trata-se de uma pesquisa histórica, bibliográfica de cunho analítico e descritivo, que tem como fonte de pesquisa as 57 primeiras edições do Suplemento *A Gazeta Infantil*, publicados entre os anos de 1929 e 1930. Como suporte teórico, o estudo baseou-se na produção intelectual de Rocha (2006), Martins (2011), Luca (2011), Santos e Vergueiro (2016) e Machado e Martinelli (2017).

Os editoriais encontram-se disponíveis no acervo público da Biblioteca Nacional Digital (BDN) e em diversas publicações versa sobre gêneros literários, apresenta nomes dos principais autores da época, concurso nacional de literatura e curiosidades literárias, as quais foram selecionados em etapas. Inicialmente, separamos todas as matérias dentro do limite temporal da



pesquisa, 1929 a 1930, em seguida, selecionamos os artigos por temáticas, ou seja, destacamos aquelas que contemplavam os seguintes eixos temáticos: gêneros literários, leitura, escrita, concursos literários, educação e formação de leitores e veiculavam concepções de infância, totalizando 123 publicações, conforme é possível visualizar no Quadro 1.

Quadro 1 – Textos literários que apresentam concepções de infância presentes nas edições da Gazeta Infantil (1929–1930).

Concepção de infância	Quantidade de ocorrências	Características principais	Exemplos de textos
Criança obediente e disciplinada	38	Valorização da autoridade, obediência às regras e aos pais	Contos morais, crônicas de exemplo
Criança estudiosa e leitora	35	Enaltecimento da leitura, da escola, da escrita e do concurso literário	"Num Exame de Literatura", "Quarenta Imortais"
Criança patriota e cívica	27	Promoção do amor à pátria, civismo, respeito aos símbolos nacionais	Textos cívicos e colunas sobre datas comemorativas
Criança frágil e carente	23	Visão da infância como fase de vulnerabilidade, passível de salvação moral	Crônicas sobre crianças órfãs ou pobres

Fonte: A Gazeta Infantil (1929-1930).

Para a análise, realizou-se uma nova filtragem das 123 publicações inicialmente selecionadas, com o objetivo de identificar aquelas com maior representatividade em termos de conteúdo, recorrência temática e capacidade de exemplificar as propostas do suplemento. Buscou-se garantir um equilíbrio entre diversidade de gêneros textuais e profundidade interpretativa, respeitando os limites de espaço do artigo.

Foram destacados 11 textos que se mostraram mais adequados para ilustrar os objetivos do suplemento, sua linguagem, estrutura editorial e os valores transmitidos. Esses exemplares foram analisados à luz do referencial teórico, com foco nas concepções de infância, no papel da imprensa pedagógica e nos princípios educacionais vinculados à Escola Nova.

A análise considerou tanto os conteúdos explícitos quanto os aspectos discursivos e estruturais dos textos, como linguagem, estratégias de interlocução com o leitor infantil, intencionalidade pedagógica e elementos de persuasão ideológica. O cruzamento entre os dados empíricos e o aporte teórico permitiu delinear as categorias analíticas que estruturam a discussão dos resultados. Essa seleção revelou que o suplemento deve ser compreendido em sua dimensão histórica, considerando que suas ideias estão profundamente

marcadas pelas contingências do contexto político e social em que foram produzidas, com o propósito de formar leitores e moldar comportamentos. Essa seleção final nos permitiu situar o periódico no movimento da história, pois as contingências de suas ideias não podem ser vistas separadas das contingências históricas, as quais circunstanciaram suas produções teóricas com o intuito de moldar opiniões práticas, conforme problematizaremos nos tópicos seguintes.

4. Resultados e discussões

A *Gazeta Infantil* foi pensada como um meio de tornar acessível às famílias os conhecimentos advindos da ciência para contribuir com a educação inicial das crianças e reforçar o seu comportamento diante da sociedade, haja vista, que apresentava discursos em que a literatura infantil seria fundamental para a formação intelectual e moral dos pequenos leitores junto ao seio familiar. Isso fica evidente à medida que contemplamos seu lema:

O lema que encabeça esta página resume todo um programa educativo. Por ele chegarão os brasileiros à meta do esforço comum: tornar a Pátria grande, pela grandeza dos seus filhos. A "Gazeta" se propõe a colaborar nesse trabalho augusto e com tal empenho lança o primeiro número da sua edição infantil, uma pedrinha posta na estrutura da grande obra do nosso civismo que será o Brasil de amanhã! (A *Gazeta Infantil*, 05/09/1929, p. 01).

Conforme aponta Campos (2009), o discurso da imprensa infantil no período era mobilizado por uma lógica nacionalista e centralizadora, que associava a infância a um projeto de futuro para o país. Nesse sentido, A *Gazeta Infantil* reproduzia uma proposta de leitura conservadora e diretiva, sustentada por ideais cívicos e morais que buscavam moldar o comportamento infantil segundo os princípios do projeto modernizador liderado por Vargas.

Dormir oito horas por dia.
Em cama limpa e macia, muita saúde produz:
Janelas escancaradas para as bênçãos da madrugada
Que o sol povoa de luz.
Estudo depois do banho.
Porque me divirto bem.
Escarros me metem medo,
E o digo muito em segredo,
Me causam nojo também.
[...] Ginasta sou de verdade:
Terei sempre a mocidade
Ajoelhada aos meus pés.
Não sou o jeca indolente
Amarelo, magro e doente
De que nos fala os Urupês.
Sou educado, limpo, bondoso e obediente

Mostro logo para toda a gente, isso logo vê [...] (A Gazeta Infantil, 20/09/1930, p. 07).

Arroyo (2010) e Brites (2000) ressaltam o papel da literatura infantil como instrumento de socialização e de regulação simbólica da infância, atuando como meio de veiculação de valores morais e sociais hegemônicos. Tal perspectiva se concretiza no suplemento A Gazeta Infantil, que não apenas promovia modelos ideais de comportamento infantil — como a obediência, a limpeza e o estudo, mas também os vinculava a um projeto nacionalista mais amplo, associado à construção de uma infância moldada para o progresso da nação.

Ao apresentar a criança ideal como “educada, limpa e obediente”, o suplemento conformava-se ao ideário da Escola Nova, especialmente no que tange à valorização da infância como etapa fundamental para a formação do futuro cidadão, como discutem Machado e Martinelli (2017). Contudo, essa representação normativa revela também uma dimensão excludente: ao estabelecer um padrão de infância “ideal”, invisibilizava experiências divergentes — como as de crianças pobres, negras ou indígenas — que não se adequavam ao ideal burguês de infância proposto. Nessa medida, o suplemento, embora travestido de ludicidade e civismo, operava como um vetor ideológico, canalizando as práticas leitoras infantis para uma formação moral específica e funcional ao projeto modernizador do Estado varguista. Assim, conforme argumenta Campos (2009), a literatura infantil da época atuava não só como mediadora entre escola e lar, mas como dispositivo pedagógico-político de disciplinamento e controle social.

A concepção de infância veiculada pelo suplemento dialoga com o que Brites (2000) identifica como um imaginário dual da criança: ora como símbolo de pureza e promessa de futuro, ora como ser em risco, vulnerável à degeneração moral. Tal ambivalência reforça a necessidade de controle simbólico e educativo, fazendo da literatura uma estratégia para “lapidar” essa infância nos moldes ideais do regime.

Não há coisa que mais me entristeça do que uma criança de má coração. Se nos adultos é condenável a maldade, que se dirá da que surpreendemos nas palavras e nos gestos de um pequerrucho? Criança quer dizer bondade, inocência, ternura. Sem essas virtudes, a infância deixa de ser o que se deve ser: a mais bela e promissora estação da vida humana em que se formam homens sensatos, bem-sucedidos profissional e espiritualmente, homens aptos para viver em sociedade. Como os pássaros e as flores, as crianças trazem ao mundo um destino risonho. Elas são a alegria dos lares, das escolas, o orgulho de seus pais, de seus mestres e a esperança de um futuro rico e promissor para o desenvolvimento do país. Elas são a esperança da Pátria. Criança verdadeira é aquela que sabe cultivar a bondade, a que sabe ser útil e afetuosa com todos, a que tudo empresta o perfume da sua inocência e o clarão da sua ternura [...] (A Gazeta Infantil, 04/01/1930, p. 12).

Neste sentido, coube à imprensa o papel de moderadora entre o texto jornalístico, o literário e o texto que servia aos interesses pedagógicos-cívicos. Portanto, salvo o caráter ideológico, que adquiriu neste período, a formação das coordenadas da literatura infantil ganhou, por meio da imprensa, para as crianças e jovens, espaço fundamental na popularização do gosto pela leitura.

Cordeiro (1987) destaca que o texto literário infantil, quando graficamente e linguisticamente adaptado ao universo simbólico da criança, provoca maior engajamento sensorial e emocional. Nesse sentido, o suplemento construiu sua estética textual com base na clareza, na ludicidade e na musicalidade, numa estratégia intencional de ampliação do alcance ideológico por meio da forma acessível. Na perspectiva de Cordeiro (1987, p. 31),

[...] a palavra bem trabalhada em termos gráficos, emite sons, cria imagens, diminui ou amplia espaços, portanto é através da palavra que reações são desencadeadas no leitor-criança, embora este possua um horizonte limitado de palavras.

Daí a riqueza do texto literário, por sua capacidade de atingir a plenitude do pensamento e imaginação infantil. Trata-se de uma ferramenta educativa a partir da qual tudo pode ser abordado, desde o fantástico, o maravilhoso, até a realidade do dia-a-dia com seus problemas e dificuldades, tudo adaptado às capacidades e limitações do imaginário infantil.

Para Lafetá (2000), as modificações estéticas que apareciam na linguagem da época, já continham em si um projeto ideológico, identificado pelo ataque às maneiras de ver, ser e conhecer de uma época, especialmente se considerarmos que:

[...] é na e pela linguagem que os homens externam sua visão de mundo, justificando, explicitando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e com a sociedade, investir contra o falar de um tempo é investir contra o ser desse tempo". (Lafetá, 2000, p. 20).

Sob essa ótica, a literatura veiculada pela *A Gazeta Infantil* contribuiu para disfarçar em formas múltiplas de linguagens, revestida de meios expressivos diversos dos meios anteriores, uma maneira de passar por novo e crítico o que permanecia velho e apenas diferente.

Trata-se da passagem de uma antiga organização social em que o poder centrava-se nas mãos de uma camada privilegiada da sociedade, composta por fazendeiros, produtores de café, pertencentes aos estados mais ricos do país, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, os quais detinham o poder de interferir nas decisões administrativas da União, conhecida como República Oligárquica (1889-1930) para um incipiente processo de industrialização em que o poder aos poucos passaria para as mãos das camadas médias urbanas da sociedade, marcada pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas (Fausto, 1999).

A atuação de Vargas frente ao governo federal apoiou-se em iniciativas de alcance popular, dentre as quais, a oferta de ensino público se destacou pela necessidade de formar trabalhadores qualificados para o projeto de um Brasil progressista. A educação serviu como instrumento de disseminação do ideário do regime, formando novas gerações de acordo com a proposta varguista, consolidando sua atuação frente à presidência da República, intensificando a centralização do Estado. A partir das premissas: de ideal nacionalista; a busca de uma unidade educacional e a projeção de um homem saudável foram dimensões marcadas que resultariam no progresso e na modernização do país (Quadros, 2013).

Neste sentido, o projeto de modernização, implementado por Getúlio Vargas passava pela via da educação, o que expressava em si um sentido utópico, visto que educar o povo continha o profundo significado de fazer a massa aderir “[...] sobretudo, pelo voto – ao Governo recém-implantado, o qual trazia a reboque, não só a industrialização, mas o controle social e a democracia, dentre outros pontos” (Machado; Carvalho, 2015, p. 190). Tal articulação resultou na imbricação do discurso educacional com o discurso político, no qual a política passaria a traçar então os rumos da educação. Medida que pode ser vista “[...] tanto como uma tentativa de fazer o país desenvolver com base na educação escolar quanto o desejo de construir uma nação democrática e com cidadania pela educação” (Machado; Carvalho, 2015, p. 190-191).

Neste cenário, [...] os excluídos, em geral, tais como os doentes, os analfabetos, os operários grevistas, os jecas, os vagabundos e tantos outros passaram a ser enfeixados sob o rótulo de “obstáculos” à modernização do Brasil [...] (Campos, 2009, p. 184). A autora enfatiza que a preservação da infância foi um ícone em evidência nesse momento histórico, nesse viés podemos verificar que:

[...] a preservação da infância e, por consequência, a proliferação de escolas, sobretudo primárias, metamorfosearam-se numa das principais bandeiras dos mais variados grupos que disputavam espaço na esfera pública desde a proclamação da República [...] Cuidar da infância brasileira e de sua educação formal passou a ser, portanto, tema consensual entre variados extratos da sociedade brasileira, independentemente da filiação política, econômica ou doutrinária daqueles que se ocuparam desse assunto [...] (Campos, 2009, p. 184-185).

Pode-se observar que nesse momento histórico de movimentações na área educacional, cultural, social, política e econômica, houve transformações dos pequenos “[...] em sujeitos raros, em seres únicos e amados, e, ao mesmo tempo, em objeto de intervenção pública, porque de seu porvir passou a depender o destino da nação [...]” (Campos, 2009, p. 185).

Neste processo, *A Gazeta Infantil* não poupou esforços para exibir uma literatura que não só exaltava o progresso econômico do país, como também a importância de formar o novo cidadão capaz de contribuir para tal progresso.

Neste sentido, a literatura expressa pela imprensa da década de 1930, não ficou apenas no desmantelamento da estética passadista, procurou abalar toda uma visão de país que subjazia à produção cultural anterior à sua atividade, bem como a consciência ideológica da oligarquia rural instalada no poder, responsável por gerir uma estrutura de sociedade que já não atendia aos interesses de uma camada privilegiada da sociedade, a qual entrava em colapso graças às transformações provocadas pela imigração, urbanização, e pelo surto industrial. Isto é, tratava-se da necessidade de formar o cidadão moderno, comprometido com a pátria, com a família e com o trabalho para alcançar o progresso do país. Desse modo, entre os “incansáveis” objetivos assumidos pelo Suplemento *A Gazeta Infantil*, estava:

[...] o esforço em instruir, pela literatura aqueles que serão a glória da nossa Pátria, pois nosso objetivo maior, é investir na educação das crianças hoje, para formarmos cidadãos responsáveis e comprometidos com o progresso de amanhã! (*A Gazeta Infantil*, 26/04/1930, p. 09).

Entretanto, o suplemento não concebia a literatura somente como um instrumento de alfabetização, mas como “[...] uma arte, que dá vida à imaginação e à criatividade dentro do imaginário infantil, fundindo sonhos e realidades” (*A Gazeta Infantil*, 26/04/1930, p. 09).

Era com essa base singular que o impresso trabalhava a literatura em todos os seus aspectos, desde a definição de seu conceito, a apresentação dos grandes nomes da literatura brasileira, inglesa e francesa, ensinava e conceituava os gêneros literários e, até fazia anualmente concursos de literatura, graciosamente denominado de “Quarenta Imortais”, porque os quarenta classificados ocupariam as cadeiras da Academia de Letras de Jovens do Brasil, instituída e patrocinada pelo Suplemento (*A Gazeta Infantil*, 16/06/1930, p. 08).

Poderiam participar do concurso crianças e jovens de todo o país dos 6 aos 17 anos de idade, dentro da modalidade corresponde a sua idade. Os interessados deveriam escolher um dos cinco gêneros literários (poesia, História do Brasil, contos humorísticos, contos de aventuras e contos policiais) e encaminhar trabalhos para a redação da *A Gazeta Infantil*. Aos oito primeiros colocados de cada gênero, seria conferido, além da Cadeira mirim de Literatura, medalhas e prêmios em dinheiro, bem como diplomas artísticos e reconhecimento nacional.

O concurso foi pensado com o objetivo único e exclusivo de incrementar e incentivar entre seus leitores o gosto e o cultivo das letras, *A Gazeta Infantil*, resolveu instituir e patrocinar a Academia das Letras dos Jovens do Brasil, instalada no novo prédio da Gazeta, nos moldes de outras instituições congêneres (*A Gazeta Infantil*, 16/06/1930, p. 08).

Todos os anos seriam escolhidos novos “imortais”, porém era facultativo aos que já ocupavam as cadeiras, tornar a candidatar-se. Para aqueles que não tivessem condições de comparecer pessoalmente às reuniões da Academia, deveriam manter correspondência cultural com a mesma. A finalidade do concurso era para que todos demonstrassem suas aptidões literárias por meio do gênero que mais apreciava.

Para trabalhar os conceitos e as formas dos gêneros literários, o Suplemento possuía uma coluna intitulada “Num Exame de Literatura”, por meio da qual apresentava textos geralmente curtos e variados em forma de perguntas e respostas, de poesias, charges, narrativas e curiosidades, que transmitiam tais informações de maneira clara e objetiva, conforme observamos a seguir:

- Sabe o que se entende por Crônica?
- Sim, senhor. **É a narração de fatos com referência a ordem do tempo.**
- Muito bem. E como se chama os escritores que cultivam esse gênero literário?
- Chamam-se **crônicos!** (A Gazeta Infantil, 26/04/1930, p. 09, grifos no original).

Trata-se de um jogo de perguntas e respostas que privilegiava de forma resumida a característica mais marcante dos gêneros literários. Assim como os gêneros textuais, os movimentos culturais aos quais pertenciam os grandes nomes da literatura nacional e internacional, bem como suas principais obras e biografias eram definidos pelo Suplemento de maneira curta, clara, objetiva e enfática, conforme é possível observar no seguinte excerto:

Você sabia? Antonio Gonçalves Dias (1823-1864) é o autor do que existe de mais nacional e do que há de mais português em nossa literatura. É um dos mais nítidos exemplares do povo do genuíno povo brasileiro. Nasceu no Maranhão, estudou em Coimbra, era consumado cientista a quem o governo brasileiro encarregou de várias comissões importantes. Voltando ao Brasil, morreu quase sem “avistar as palmeiras, onde canta o sabiá”. Logo depois o navio naufragou, e nunca foi possível descobrir o cadáver do poeta (A Gazeta Infantil, 18/09/1930, p. 09).

Com o objetivo de despertar o gosto pela leitura e a curiosidade do público leitor, o vespertino, procurava veicular informações sobre a literatura de forma rápida e didática, por isso, optava por apresentar as informações de maneira seriada, isto é, em uma edição trabalhava as características dos gêneros literários, em outra a biografia resumida dos autores, na seguinte suas obras e, assim por diante, procurando garantir o consumo das edições seguintes, à medida que instigava a curiosidade do seu público leitor, garantindo a venda do próximo número do jornal.

O livro tornou-se o suporte ideal para a educação formal das crianças, enquanto jornais e revistas assumiram-se como ferramentas auxiliares nesse processo, oferecendo uma abordagem mais informal e lúdica. No entanto, mesmo esses materiais de cunho recreativo operavam segundo uma lógica pedagógica alinhada aos interesses ideológicos da época. Demonstravam explicitamente o intento de formar pequenos leitores a partir de uma visão normativa de infância, fundada em valores morais, cívicos comportamentais que refletiam o projeto de construção de uma nação moderna, ordeira e progressista. Nesse cenário, os periódicos infantis, ao mesmo tempo em que democratizavam o acesso à leitura, também atuavam como veículos de difusão de um ideal de infância alinhado às exigências do Estado e da sociedade urbana em transformação.

A ludicidade presente nos jogos, nas colunas interativas e nas narrativas seriadas mascarava uma pedagogia normativa, que buscava moldar atitudes, comportamentos e afetos infantis dentro de parâmetros considerados aceitáveis pela elite intelectual da época. Na perspectiva de Machado e Carvalho (2015), esse processo não era neutro: a educação informal promovida pela imprensa também servia à legitimação de estruturas sociais excludentes, ao reforçar padrões de normalidade que marginalizavam infâncias fora do ideal burguês, branco, higienizado e patriótico.

Por conseguinte, mesmo os veículos que aparentemente se destinavam apenas ao entretenimento operavam como agentes formadores de subjetividades, contribuindo para o projeto de disciplinamento social e político das novas gerações, tão caro aos discursos educacionais e nacionalistas da Era Vargas.

Nesse sentido, os suplementos infantis, como destaca Rocha (2006), não apenas entretinham, mas também ensinavam — e ensinavam aquilo que se esperava de uma criança “ideal” segundo os moldes da modernidade republicana. A adesão aos ideais escolanovistas, aqui materializados na ênfase à ludicidade e à prática pedagógica ativa, encobria uma estrutura de valores voltada à disciplinarização do comportamento infantil e à legitimação de uma infância compatível com os projetos do Estado. Assim, o que poderia parecer uma simples estratégia de engajamento infantil por meio do lúdico e do prazer estético da leitura, na verdade, operava como um mecanismo sofisticado de controle simbólico. A literatura e os jogos educativos, ao se revestirem de neutralidade e benevolência, contribuíam para naturalizar normas sociais, papéis de gênero, valores cívicos e hierarquias morais.

Desse modo, a pedagogia escolanovista, quando apropriada pela imprensa infantil, não se resumia à valorização da experiência da criança, mas era redirecionada para a formação de sujeitos ajustados à ordem social e política vigente. Conforme enfatiza Lafetá (2000), toda linguagem carrega uma visão de mundo — e, nesse caso, a visão era a de uma infância útil, patriótica e disciplinada, apta a servir aos interesses do projeto de modernização conduzido pelo Estado varguista.

Para Machado e Carvalho (2015), o discurso educacional do período não estava dissociado das intenções políticas do Estado; ao contrário, fundia-se a ele com o objetivo de consolidar um ideal nacional por meio da educação. Nesse contexto, a imprensa infantil surge como um dispositivo fundamental na naturalização desses discursos, atuando tanto como mediadora cultural quanto como agente de reprodução de uma determinada visão de mundo e de sujeito.

A escola ativa, também conhecida por escola nova, consiste num método de grande eficiência, pois enquanto o aluno pensa estar a brincar, sem mesmo perceber, ou querer, encontra-se a estudar aproveitosamente. Aqui vai um exemplo: há um balcão, uma caixa e uma prateleira de livros. Uma livraria, portanto. Uma criança é a vendedora, a outra a recebedora e as restantes, compradoras. Qualquer destas faz a despesa, as demais são obrigadas a somar, subtrair etc. (A Gazeta Infantil, 27/03/1930, p. 10).

O movimento escolanovista foi conduzido no Brasil a partir de uma visão nacionalista, que levou intelectuais a reivindicar a valorização da cultura nacional e a democratização da escola pública, laica, gratuita, universal e a coeducação, porque até 1930 o poder centrava-se nas oligarquias agrárias em que a educação era privilégio de poucos. Às classes populares eram relegadas ao analfabetismo, ou, para alguns poucos, o ensino primário, que por sua vez, era mal organizado, arcaico e, além de antiquado, deficiente em vários aspectos.

O professorado de ensino primário (e mesmo o do grau médio), além de, geralmente, mal preparado, quer sob o aspecto cultural quer do ponto de vista pedagógico, é constituído, na sua maioria, por leigos (2/3 ou 3/4 conforme os Estados); não tem salário condizente com a alta responsabilidade de seu papel social nem dispõe de quaisquer meios para a revisão periódica de seus conhecimentos (Azevedo, 1932, p. 71).

Tal proposta se alinha aos ideais escolanovistas, conforme discutem Machado e Martinelli (2017), que defendiam o protagonismo do aluno e a articulação da escola com a vida cotidiana. Ao promover práticas educativas lúdicas — como simulações de livrarias, concursos de literatura e colunas participativas — A Gazeta Infantil incorporava elementos da pedagogia ativa em sintonia com a concepção de escola nova que ganhava força no Brasil da década de 1930.

5. Considerações finais

O Suplemento *A Gazeta infantil* foi criado num momento de transição política e social. Refletiu a preocupação com a difícil realidade educacional e social do país, pois a educação de meados de 1930 era privilégio de uma pequena parcela da população, dos quais podemos destacar uma pequena aristocracia brasileira formada por fazendeiros, banqueiros e alguns profissionais

liberais, que conseguiam manter um padrão de vida privilegiado. A iniciativa do periódico em lançar um Suplemento inteiramente voltado para o público infantil era objetivado pela “[...] necessidade de auxiliar a educação das crianças rumo a um futuro próspero, em que todas elas sejam portadoras de uma cultura rica e comum” (A Gazeta Infantil, 27/03/1930, p. 10).

Constatamos que o periódico representava as crianças da década de 1930 como possuidoras de características específicas próprias de sua época e contexto, isto é, levava em conta aspectos como etnia, classe social, religião e gênero, o que nos possibilitou identificar não uma, mas várias concepções de infância, já que esse tipo de concepção é construído histórica e socialmente. Desse modo, identificamos em suas páginas desde a criança inocente e ignorante, que precisava ser conduzida e educada para transformar a sociedade e atender aos auspícios do desenvolvimento econômico, político e social, ou a criança sacralizada, idealizada nos moldes românticos.

No entanto, por um lado, estavam alguns modelos de infância que procurava negar e desconstruir, como a criança “jeca”, suja, mal-educada, preguiçosa, desobediente e má. Por outro, exaltava a criança estudiosa, obediente, bondosa, zelosa, limpa e educada.

O Suplemento não ficou alheio à postura ideológica frente aos conflitos políticos que emergiram na sociedade. Defendeu desde sua criação um projeto de sociedade e de educação religiosa e elitista, que ficou evidente durante o período de sua existência. Agiu como um importante veículo cultural, com o propósito de auxiliar na educação de uma geração de crianças, despertando o gosto pela leitura e preparando-os para o futuro, para a vida em sociedade e para o trabalho.

A literatura era veiculada pelo Suplemento A Gazeta Infantil com propósitos que transcendiam o estímulo ao hábito da leitura. Ela era mobilizada como um recurso estratégico de conformação subjetiva, voltada à construção de valores cívicos, familiares e produtivos. Esse uso instrumental da literatura evidencia uma pedagogia do texto que, segundo Cordeiro (1987), atua sobre o leitor infantil ao explorar sua imaginação e sensibilidade como forma de inculcar normas comportamentais.

Assim, a escolha por gêneros literários como contos de moralidade, poesias patrióticas e crônicas exemplares revela o esforço editorial em educar pelo encantamento, transformando o prazer da leitura em meio de controle simbólico. A literatura infantil, nesse contexto, funcionava como uma pedagogia silenciosa: ensinava sem parecer ensinar, normatizava sob o disfarce da ludicidade.

A articulação entre o conteúdo literário e os ideais da Escola Nova, presente nas colunas participativas e nos concursos, reforça essa dimensão pedagógica da literatura. Contudo, conforme destaca Lafetá (2000), toda linguagem é portadora de ideologia. O que se apresenta como inocente e educativo pode, ao mesmo tempo, operar como instrumento de reprodução social, mascarando hierarquias e exclusões sob o véu da neutralidade educativa.

Daí a importância dada a imprensa por seu caráter mediador entre os agentes responsáveis pela construção da cultura de uma época, e aqueles agentes receptores. Neste sentido, o Suplemento A Gazeta Infantil agiu como um importante veículo cultural, com o propósito de auxiliar na educação de uma geração de crianças preparando-os para o processo de urbanização e industrialização incipiente.

REFERÊNCIAS

- A GAZETA INFANTIL. A missão da Gazeta. **A Gazeta**. São Paulo, 08 mar.1916, p. 1, ano X.
- A GAZETA INFANTIL. A Gazeta no seu 18º aniversário. **A Gazeta**. São Paulo, 16 maio, 1924, p. 01.
- A GAZETA INGANTIL, Lema. **A Gazeta**. São Paulo. 05 set. 1929, p. 01.
- A GAZETA INFANTIL. Bondade. **A Gazeta**. São Paulo, 04 jan. 1930, p. 12.
- A GAZETA INFANTIL. Num exame de literatura. **A Gazeta**. São Paulo, 26 abr. 1930, p. 09.
- A GAZETA INFANTIL. A nova literatura. **A Gazeta**. São Paulo, 08 maio, 1930, p. 14.
- A GAZETA INFANTIL. Curiosidades literárias. **A Gazeta**. São Paulo. 18 set. 1930, p. 09.
- A GAZETA INFANTIL, abecedário da saúde do escolar. A Gazeta. São Paulo, 20 set. 1930, p. 07.
- A GAZETA INGANTIL, Concurso dos "imortais". **A Gazeta**. São Paulo. 16 jun. 1930 p. 08.
- A GAZETA INFANTIL. Aulas ativas. **A Gazeta**. São Paulo, 27 mar. 1930, p. 10.
- ARROYO, Leonardo. **literatura infantil brasileira**. 3ª edição. São Paulo, UNESP, 2010.
- AZEVEDO, Fernando de. (Org.). **Manifestos dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores 1959**. Recife: Massangana, 2010.
- BRITES, Olga. Crianças de revistas (1930/1950). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.26, n.1, p.161-176, jan./jun. 2000.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940)**: Educação e História. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

COELHO, Gizeli Fermino. QUADROS, Raquel Santos; GIRALDELLI, Taís Renata Maziero; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A Gazeta Infantil e a busca pela construção do ideário de criança na República (1929-1930). **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 23, n. 1, p. 243-257, mar. 2018a.

COELHO, Gizeli Fermino; SANTOS, André de Souza; MACHADO, Maria Cristina Gomes; GIRALDELLI, Taís Renata Maziero. A imprensa pedagógica como fonte de pesquisa para a história da educação: A Gazeta Infantil. In: SILVA, Aline Oliveira. Gomes da et al. **Pesquisas contemporâneas em educação: diálogos com filosofia direitos humanos e ciências humanas**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018b.

CORDEIRO, Xênia Lacerda. Da invenção da imprensa ao livro infantil: um enfoque editorial. **ci. Int., Brasília**, n. 16, vol. 1, p. 27-35, jan. /jun. 1987.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6ª Ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LUCA, Tânia Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luíza. (Orgs). **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 149-175.

MACHADO, Maria Cristina Gomes Machado; DORIGÃO, Antônio Marcos; COELHO, Gizeli Fermino. As pesquisas com intelectuais em história da educação: um campo profícuo. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 67, p. 175-188, mar 2016, p. 175-188.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MARTINELLI, Laís Pacífico. Monteiro Lobato e o ideário Escolanovista: um modelo de escola no Sítio do Pica-Pau Amarelo. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, Vol. 17 - n. 1 - Itajaí, Jan-Abr, p. 94 - 116, 2017.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; CARVALHO, Carlos Henrique de. O legado do Manifesto de 32 à educação brasileira: os desafios persistem. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 51, n. 37, p. 175-194, jan. /abr. 2015.

MARTINS, Ana Luíza. Imprensa em tempos de Império. MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs). **História da imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 45-80.

MENNA, Ligia Regina Máximo Cavalari. **A literatura Infantil além do livro: as contribuições do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O**



Tico-Tico. 2012. Tese (doutorado em Letras Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

QUADROS, Raquel. **Gustavo Capanema (1934-1945)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

ROCHA, Sibila. Suplementos jornalísticos e universidade: informação ou imagem. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. dez, 2006. p. 1-13.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. A Gazetinha e os suplementos de histórias em quadrinhos no Brasil. **IMAGINÁRIO!** N. 11 - Paraíba, dez. 2016, p. 103-125.

Recebido em: 05 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 16 de junho de 2025.

Publicado em: 17 de setembro de 2025.